

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18. n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	6.º ANNO—VOLUME VI—N.º 177	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	21 DE NOVEMBRO 1883	LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42. Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		
Brazil (moeda fraca)	15\$000	7\$500	—	—		

CHRONICA OCCIDENTAL

Falliu a empresa de S. Carlos.

O caso fez bulha enorme em Lisboa e assumiu todas as proporções d'um grande acontecimento importante.

A queda d'um ministerio nunca produziu tamanha sensação na cidade como a queda da empresa Freitas Brito.

E explica-se bem essa sensação enorme, não só pelo interesse que em Lisboa se liga ás questões do theatro lyrico, um interesse exaggerado, muito mais de luxo que de arte, e que contrasta tristemente com a indiferença que acolhe todas as questões de bellas artes, de letras, de sciencias e politica, como já temos detalhadamente accentuado, mas tamhem pelos prejuizos grandes que a quebra da empresa Freitas Brito causa a varias casas bancarias, e a muitos individuos, que tinham alguns capitães empregados na exploração do theatro de S. Carlos.

E por tudo isto, no sabba-do ao anoitecer, quando a noticia rebentou na cidade, toda a gente corria á procura de informações; no Chiado grupos innumerados discutiam acaloradamente, commentavam, gritavam, como se se tratasse d'um grande acontecimento social, e por toda a parte não se ouvia fallar senão, no sr. Brito, no sr. Brito, no sr. Valdez, no governo, em S. Carlos, no Ortisi, etc.

Ora ha muito tempo, ha annos mesmo, que de vez emquando corria o boato da fallencia do sr. Freitas Brito.

As vezes essa noticia chegava mesmo a apparecer nos jornaes, mas no dia immediato, se não se desmentia, pelo menos não se confirmava, e as coisas continuavam no mesmo pé.

E esses boatos tinham-se reeditado tantas vezes a fio, e a empresa de S. Carlos continuado sempre a sua vida habitual, que por fim já ninguem acreditava n'elles, ninguem os tomava a sério.

Agora, exactamente quando não se fallava n'isso, n'um curto e raro espaço de tempo em que os boatos estavam repousando, estoura a noticia da quebra da empresa Freitas Brito.

O espanto foi geral. Quando todos começavam a acreditar na inquebratibilidade da empresa de S. Carlos, é que ella quebra: quando se espalhára que a empresa suspendera os seus espectaculos por quinze dias para reorganisar a companhia, é que ella os suspendeu por uma vez.

O que originou o cataclismo? Consta que foi o governo ter-se recusado a acceder a umas pretensões do sr. Freitas Brito acerca da deminição do numero de

recitas de assignatura e de adiantamento das pres-tações do subsidio.

Fosse ou não fosse isto, o que se sabe, é que o governo se recusou a acceder a qualquer pedido da empresa, e que em vista d'essa recusa, o sr. Freitas Brito communicára ao governo, que não podia contiuar os seus espectaculos, e que lhe entregava o theatro.

O governo mandou a actoridade competente tomar posse do theatro, e diz-se que vae concluir a epoca, por sua conta, nomeando para commissario regio, — segundo uns — ou tomando simplesmente como director tecnico — segundo outros — o sr. Campos Valdez, antigo empresario de S. Carlos, evidentemente um dos homens mais competentes para esse especialissimo cargo, que ha no nosso paiz.

Acabou-se por tanto a empresa Freitas Brito cinco mezes apenas antes de findar o prazo de cinco annos por que lhe fôra adjudicado o thea-

tro de S. Carlos, e vamos ter theatro do go-verno.

Não trataremos agora de fazer aqui o necrologio da empresa Freitas Brito: o publico tem bem presente ainda todos os actos da sua administração, e se muitos ha que incorrem em censura, alguns ha tambem que merecem o elogio de todos aquelles que prezam a arte e a justiça, acima da questão mesquinha das sympathias ou antipathias pessoas.

É a empresa Freitas Brito que o publico de Lisboa deve o ter ouvido no nosso theatro celebridades europeas como o Gayarre, o Tamagno, o Kaschman, o Nannetti, a Donadio, a Pasqua, a De-Reszké, a Borghi-Mamo, e algumas das obras primas do moderno theatro lyrico como o *Hamlet*, o *Lohengrin*, o *Mephistopheles*, e o *Guarany*, o *chef d'œuvre* da musica brasileira.

Teve muitos erros a empresa Freitas Brito, mas perante a historia imparcial do nosso theatro, estes erros serão em grande parte resgatados por estes serviços prestados á arte lyrica.

O defeito principal da empresa fallida, era o estar cansada.

Isto de empresas são como os governos, em estando muito tempo no poder cansam.

Ou para melhor dizer, podem não cansar, mas o publico é que se farta d'elles.

Depois, mais tarde, quando se farta dos que lhe succedem, volta aos seus primeiros amores.

É o que está acontecendo com o sr. Campos Valdez.

Ninguem pensa, decerto, em contestar a elevada competencia do sr. Campos Valdez em assumptos lyricos.

Essa competencia não é hoje maior, do que era em 1873, em que durante largos annos dirigindo o theatro de S. Carlos, não se desmentira um momento.

Pois em 1873 o publico estava cansado da empresa Valdez. Dava-lhe pateadas medonhas, e lembramos-nos ainda, como se fosse hoje, o *charivari* enorme com que o publico recebeu uma das ultimas operas dadas por essa empresa, — *O Chrispim e a comadre*.

Nós estavamos no palco, ao pé de Valdez a uma das portas da scena.

Paccini e Cortesi — uma cantora que o publico tratou muito mal, mas que tinha realmente merecimentos, e os mais formosos olhos que temos visto em S. Carlos — tentavam em vão cantar o seu duetto

A pateada não os deixava ouvir; e não era só pateada: no palco choviam pateadas.

E não era contra os dois artistas que o publico estron-



MONSENHOR VICENTE VANUTELLI, NOVO NUNCIO DE SUA SANTIDADE, EM PORTUGAL

(Segundo uma photographia)

deava as suas iras. Era contra a empresa, porque no meio d'esse tumulto de pateada e de vozearia, era o grito de «*Fóra a empresa!*» que se ouvia de todos os lados.

Agora o publico faz completa e inteira justiça ao sr. Valdez, ha muito que o reclama para dirigir o theatro lyrico e recebeu com alegria e entusiasmo a sua nomeação actual.

É a mesma questão dos partidos politicos, o mesmo espirito de opposição que domina toda a gente. O melhor é sempre o que passou, ou o que está para vir.

Quando governam os regeneradores, os progressistas é que prestam para alguma coisa, quando governem os progressistas, os regeneradores é que são bons.

E por isso não nos admirou nada a corrente que ha annos se estabeleceu a favor do sr. Campos Valdez, corrente aliás justificadissima, pela sua elevada competencia, e pelo seu bom criterio, e pelo seu excellente tacto administrativo, como tambem nada nos admirará se d'aqui a annos essa corrente se transformar na opposição systematica e persistente, embora não justificada, que ha annos desgostou o sr. Valdez do theatro, e que ha cinco annos tinha por alvo o sr. Freitas Brito.

A respeito do expediente tomado pelo governo para resolver a crise lyrica, queremos acreditar que é perfeitamente transitorio.

Não julgamos que o governo se resolvesse de repente a transformar-se em empresario lyrico; e não julgamos, primeiro porque a experiencia da administração de S. Carlos pelo governo, durante os annos de 1856 a 1860 deu os mais deploráveis resultados artisticos e financeiros; segundo porque não nos parecem muito azadas as circumstancias actuaes do theatro para elle agora se metter em danças, como vulgarmente se diz, em danças e em cantos, terceiro porque seria realmente extraordinario que um paiz em que não ha theatro nacional subsidiado, em que as bellas artes se definham á falta de protecção official, se puzesse de repente a gastar largas quantias com um theatro estrangeiro, não fazendo caso das suas artes nacionaes.

A experiencia dos quatro annos da administração do governo no theatro de S. Carlos é um argumento terrivel contra o estado fazer-se empresario.

Nesses quatro annos, tendo a dirigir o theatro o sr. D. Pedro do Rio, que era o mais zeloso administrador que imaginar se pôde, e tendo o theatro quasi pelos preços actuaes, ao passo de que os cantores eram muito mais baratos do que hoje, o estado perdeu na exploração do theatro de S. Carlos 110:776\$523 réis, que com os 80 contos de réis, provenientes de subsidio annual de 20 contos, faz a bonita somma de 190 contos de réis.

É o que aproveitou a arte nacional com essa administração do governo? O que representam em beneficio do paiz esses 190 contos de réis gastos com S. Carlos? Inteiramente nada.

Gastaram-se 190 contos em quatro annos, e nem a arte, nem ao menos os ouvidos dos *dilletant*: lucraram com isso, porque n'esses quatro annos não houve uma novidade lyrica importante; e essa epoca da administração do governo que pezo muito no orçamento do estado, não pezo inteiramente nada nos annos do theatro lyrico.

Não nos parece que essa primeira experiencia seja de grande incitativo a experiencias futuras.

Por isso parece-nos que a administração do governo no theatro de S. Carlos será apenas um curto interregno entre a empresa que passou, e a empresa que hade vir e que o theatro será breve tempo posto a concurso para a proxima epoca — posto novamente, porque o concurso foi já aberto, mas logo annullado, por não cumprir, o unico concorrente que se apresentou, o sr. Freitas Brito, as condições do programma.

A questão toda está na confecção do programma d'esse concurso: é necessario nas condições impostas pelo governo ter em vista os interesses da arte e do publico, mas é tambem necessario um pouco olhar pelos interesses do empresario, porque não sendo assim, — como não tem sido — enchendo o programma de exigencias incompativeis com a receita do theatro, o programma será constantemente sophismado, a não ser que appareça um millionario qualquer que tenha a phantasia de Nababo de arruinar o seu cofre para divertir o publico de Lisboa.

Finalmente baixaram do ministerio da justiça duas portarias, uma suspendendo o director da cadeia do Limoeiro, outra nomeando uma comissão para syndicar das responsabilidades da anarchia escandalosa que ali tem reinado, dos

crimes praticados quotidianamente de portas a dentro, d'esse estado de coisas anormal, perigoso, e indigno contra a qual tanto temos aqui clamado.

O sr. ministro da justiça dera logo, apenas tomara conta da pasta, ordens terminantes para que se vigiasse rigorosamente a cadeia, se passasse busca a todos os presos, e se estudasse a maneira de melhorar, ou antes, de transformar radicalmente o regimen interno do Limoeiro.

Essas ordens, porém, tiveram a mais singular execução. Oito ou dez dias depois d'ellas dadas, um prezo matava com dois tiros de revolver, o *juiz da prisão*, um facinora alcunhado o *Prelada* que era perfeitamente um personagem rocambolesco.

Esse assassinato nas enxovias do Limoeiro mostrou claramente ao sr. ministro da justiça como tinham sido cumpridas religiosamente as suas ordens de vigilancia rigorosa, de numerosa busca aos presos do Limoeiro.

Dois dias depois do assassinato do Prelada appareceram as portarias a que acima nos referimos.

A *quelque chose malheur est bon*: o assassinato do Prelada, que não foi precisamente uma desgraça, teve duas vantagens, livrou a humanidade d'uma fera, e foi o signal para a reforma do Limoeiro, que estava sendo a maior vergonha de Lisboa.

Imaginem que a cadeia estava organizada de tal modo que o Prelada, entrando para lá com cinco pintos, morreu com os seus oito a dez contos de reis!

Que bellos negocios que se faziam no Limoeiro! Era um Brasil, com a vantagem de ser muito mais perto e não ter febre amarella!

A chronica do Prelada é cheia de crimes hediondos, e entre todos ha um, porém, que faz estremecer de indignação. Indo não sei d'onde para o Porto, n'uma noite de chuva e de temporal, o carcereiro que o acompanhava recolheu-o em sua casa, deu-lhe roupa, cama e ceia. O Prelada aceitou tudo, ceiou com o carcereiro, bebeu á larga e fel-o beber a elle, e depois, apanhando-o embriagado... fugiu, tendo o cuidado de lhe pagar a hospitalidade com um facada que o matou!

Ha na chronica do crime poucas paginas mais infames e asquerosas do que esta.

Na busca que em virtude da portaria do ministerio da justiça se passou ao Limoeiro, encontrou-se um verdadeiro arsenal de revolvers, facas, navalhas, nas mãos dos presos, e uma verdadeira fabrica de moeda falsa e de falsificação de assignaturas. Uma verdadeira officina de crime como aqui lhe chamamos.

Esperamos que a comissão se desempenhe cabalmente do serviço importantissimo que lhe foi encarregado e louvamos completamente o sr. Lopo Vaz, por este acto brilhante e energico com que inaugurou a sua entrada no ministerio da justiça.

Gervasio Lobato.

D. ANTONIO JOSÉ DE FREITAS HONORATO

ARCEBISPO PRIMAZ DE BRAGA

O illustre prelado de quem demos o retrato no nosso numero antecedente é natural de Coimbra.

Na Athenas lusitana e freguezia de S. Pedro, a 16 de outubro de 1820 viu a luz do dia, sendo filho legitimo de Jeronymo José de Freitas e de Symphorosa Maria Vieira.

Mostrando desde muito novo propensão para as letras, seguiu os estudos a que tão largamente se entregam os filhos da rainha do Mondego.

Dedicando-se á carreira ecclesiastica, e tomando successivamente as ordens menores e sacras, frequentou a Universidade, e fazendo um curso brilhante, no qual obteve alguns premios, foi recebido doutor e tomou capello em 1845.

Logo em 1846 foi apresentado e collado na parochial e veneranda igreja de Santa Cruz de Coimbra, sendo ao mesmo tempo oppositor, e lente substituto da faculdade de theologia na mesma Universidade.

Commulativamente exerceu o professorado de sciencias ecclesiasticas no seminario da diocese de Coimbra, na qual tambem foi examinador synodal.

Nomeado em 1855 lente cathedratico da referida faculdade, teve que deixar a parochialidade da sua igreja, e passar a exercer os seus deveres do magisterio effectivo, que já de antes satisfizera como substituto.

Em attenção aos serviços prestados como pa-

rocho e examinador synodal, foi nomeado conego honorario da Sé d'aquella cidade.

Durante dezoito annos esteve o respeitavel prelado occupado no exercicio da sua cadeira, e empregando toda a bondade da sua alma e actividade do seu espirito em obras da mais perfeita caridade christã.

No principio do anno de 1873 foi escolhido para o importante cargo de Provisor e Vigario Geral do patriarchado de Lisboa, de que tomou posse pouco depois; n'esse mesmo anno foi preconizado arcebispo de Mitylene no consistorio de 25 de julho, sendo sagrado em S. Vicente de fóra aos 5 de outubro do mesmo anno.

Em attenção aos seus serviços foi em 1877 aggraciado por S. M. com a carta de conselho.

Como todos sabem o fallecido patriarcha D. Ignacio, um dos vultos mais notaveis do episcopado portuguez, soffreu durante annos padecimentos que pouco a pouco lhe foram apagando a luz da vida, e durante o seu impedimento dirigiu os negocios do patriarchado o arcebispo de Mitylene com brandura e sidade; por fallecimento do illustre D. Ignacio foi então o sr. D. Antonio eleito Vigario Capitular, cargo que exerceu até á posse do actual patriarcha D. José.

Tendo vagado o archiepiscopado primacial de Braga, pela renuncia do sabio e illustrado arcebispo D. João Chrysostomo, foi apresentado á respectiva cadeira o arcebispo de Mitylene sr. D. Antonio, que foi preconizado no consistorio de 9 de agosto do corrente anno. A 3 de outubro tomou posse por procuração e a 25 pessoalmente da referida diocese.

Houve uma troca de delicadezas entre o prelado cessante e o novo prelado que muito honram um e outro, e que fazem esperar que os negocios ecclesiasticos da diocese serão dirigidos com prudencia e sabedoria, e que o povo terá occasião de se felicitar pelo prelado que lhe foi outhorgado.

Se não tivesse outros titulos á consideração publica, senão a circumstancia de se ter elevado pelo seu merecimento e trabalho honesto, já isso fóra bastante ao nobre prelado para a merecer; mas ha mais. Orgulha-se o arcebispo do seu humilde nascimento e tem razão, mas longe de se ensoberbecer por isso, a sua modestia, bondade e honestidade mostram que se seus pais eram humildes pelo nascimento, eram porém nobilissimos pela virtude que souberam transmittir a seu filho.

Do seu animo e piedade christã temos testemunho nos seguintes factos:

Foi um dos doze, que, quaes outros discipulos do modelo da caridade, fundaram o asylo da mendicidade de Coimbra, e na qualidade de ministro da Veneravel Ordem de S. Francisco da mesma cidade coadjuvou poderosamente o estabelecimento do seu hospital para os irmãos pobres.

Já se vê que o prelado sabe praticar a verdadeira caridade, e quem se aprazia no exercicio dos preceitos evangelicos quando parochico e ministro, quanto melhor os não exercerá agora que é prelado e principe da Igreja?

O CENTENARIO

DA

INVENÇÃO DOS AEROSTATOS EM FRANÇA

E O SEU INVENTOR

PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

V

(Continuado do n.º 174)

De 1719 a 1720 frequentou o 5.º anno do curso, faltando porém á 2.ª matricula.

O motivo d'essa falta está explicado no seguinte documento, que tivemos a fortuna de descobrir na Torre do Tombo, e que é importante para a biographia de Bartholomeu Lourenço:

«Diz Bertolameu Lourenço, que tendose matriculado na Universidade de Coimbra na Faculdade de Canones o primeiro de Outubro passado perdeu a segunda matricula, por estar occupado nesta Corte em fazer hum papel sobre a casa de Aveiro, na qual occupação continuou até 17 de Fevereiro em que se proferio a sentença quando já o Sup.º não podia fazer seis mezes e consequentemente se não podia apresentar como tñhão feito os mais que perderão a dita matricula. E para que V. Mag.ºe lhe faça a graça de supprir

lhe esta matricula poem na Real consideração de V. Mag.^e os motivos seguintes: 1.^o a importancia da causa porque esteu auzente; 2.^o que o Sup.^{te} não deixou neste tempo de estudar tanto ou mais do que estudaria na Universidade, como era forçoso para hua causa que envolve as mais arduas questões de direito; 3.^o que a Real bondade de Vossa Mag.^e não sofrerá que o Sup.^{te} tire por unico premio de um estudo immenso e de hum trabalho porque merecia louvor, o perder hum anno da Universidade, e deixar de acabar este anno os seus estudos; 4.^o que V. Mag.^e este mesmo anno concedeo a dous Clerigos da Bahia que se lhes levasse em conta em Canones hum anno de Theologia que tinham estudado na Bahia; e o Suppl.^e ainda que não estudasse em estudos publicos, estudou muitos annos Theologia positiva, e a sagrada escriptura e S.^{tos} P. P. que tem muito mais connexão com o direito Canonico que a Theologia especulativa; e para o mesmo fim conduz haver o Suppl.^e prégado muitos sermões e arrezoados varias causas, como tudo he publico, e o que pede em consideração disto não he hum anno de mercê como aos sobreditos se concedeo, mas só supplemento de huma matricula: 5.^o que a graça que o Suppl.^{te} pede não pôde fazer exemplo tanto pella singularidade da causa, como porque os que se poderiam valer deste exemplo ou o havião de fazer este anno, ou para os futuros. Nos futuros não se da a razão de ser inesperada a matricula que he o que se allega este anno por se não ter visto exemplo de segunda matricula tão cedo. No anno presente não ha ja a quem esta mercê possa servir de exemplo, porque os mais que perderão a 2.^a matricula, todos se forão logo apresentar e aproveitarão o anno, o que o supplicante não poudé fazer pella razão sobredita: attendendo a todos os quaes motivos.

P. a V. Mag.^{de} seja servido por sua real grandeza haver por supprida ao Suppl.^e a segunda matricula d'este anno a que faltou.

E. R. M.^{ce}

Despacho. — Tendo consideração ao que o Suppl.^e allega e por fazer-lhe especial mercê hey por bem supprir-lhe a matricula que lhe falta para poder provar o anno. A meza da conciencia e ordens o tenha assim entendido e lhe mandará passar os despachos necessarios. Lisboa, Occidental a 11 de Março de 1720 (com a rubrica d'el-Rey).

Cumprase o decreto de S. Mag.^{de} e em sua observancia se passe prouisão para o Suppl.^e provar o anno na forma do mesmo decreto. Menza de Março 13 de 1720, (com tres rubricas).

D. Laz.^o Sanches.

P. em 16 d.^o

Arch. nac. da T. do T. Papeis relat. a Univer. sid. Maç. 25 — 71.

Vê-se por este documento que não obstante achar-se na Universidade de Coimbra, era buscado, pelo seu talento, para advogar e dirigir as causas mais intrincadas e importantes do Direito Civil, e que frequentemente subia ao pulpito, onde, pelo trecho que publicamos, a sua palavra fluente e a sua finura de sentimentos deviam causar agradável impressão nos ouvintes.

(Continúa)

Brito Rebello.

AS NOSSAS GRAVURAS

MONSENHOR VICENTE VANUTELLI

NUNCIO DE S. SANTIDADE, EM PORTUGAL

Chegou no dia 7 do corrente a Lisboa, o novo nuncio de S. Santidade monsenhor Vicente Vanutelli, sendo esperado na estação do caminho de ferro do norte e leste, pelos srs. ministro dos estrangeiros e conde de Anadia, nomeado para seu introductor, por ser o conde mais moderno.

Foi recebido com todas as honras officiaes, fazendo a guarda de honra o batalhão de caçadores n.^o 5.

Monsenhor Vicente Vanutelli nasceu em Genazano, perto de Roma, em 5 de dezembro de 1836, descendente de uma familia romana, grande proprietaria e que tem um ramo que usa o titulo de conde.

É irmão do arcebispo de Nicea.

Em 1861 foi nomeado professor de theologia no seminario do Vaticano, e depois beneficiado em S. Pedro.

Dois annos mais tarde, o internuncio na Hollanda, monsenhor Oreglia, chamou-o para seu secretario e auditor, logar em que se conservou até 1866.

Durante esse tempo preparou os decretos do concilio provincial de Utrecht, citado como o melhor entre os que se celebraram n'estes ultimos cincoenta annos.

Em 1866 passou como auditor, para a nunciatura de Bruxellas, occupando-se alli das questões philosophicas que ameaçavam dividir a celebre universidade de Louvain. Graças a elle, foi restabelecida a concordia.

Monsenhor Vanutelli esteve em Bruxellas durante toda a nunciatura de Cattani, hoje cardeal, e antes da chegada do successor d'este, exerceu por espaço de seis mezes as funções de encarregado dos negocios.

O cardeal Antonelli, então secretario de estado de Pio IX, chamou-o para junto de si, na qualidade de pro-substituto, em 1875.

Em novembro de 1876, por morte do cardeal, foi encarregado pelo papa de gerir a secretaria de estado, até á chegada do novo titular, o cardeal Simeoni, que então se achava na universidade de Madrid. Quando este chegou a Roma, nomeou-o sub-secretario de estado.

Pouco depois nomeou-o Pio IX proto-notario apostolico participante.

Anno e meio mais tarde morreu o Papa. As relações de monsenhor Vanutelli com o cardeal camerlengo Pecci, hoje Leão XIII, eram excellentes, e, por isso, conservou-se trabalhando na secretaria do Estado, antes e depois do conclave.

Por occasião do advento do cardeal Franchi ao posto de secretario de Estado, foi inscripto no primeiro collegio da Prelatura, o dos auditores de Rota.

Em 1880 foi preconisado arcebispo por Leão XIII, e nomeado delegado apostolico em Constantino-pla, onde pôz termo ás questões que lavravam na Igreja catholica do Oriente.

Pelos fins de 1882 foi elevado ao posto de internuncio no Brazil, não chegando a tomar posse d'esse cargo.

Finalmente, em abril d'este anno, Leão XIII enviou-o a Moscow, na qualidade de embaixador extraordinario da Santa Sé, para assistir á coroação do czar.

Monsenhor Vanutelli captou alli as sympathias de toda a gente pelas suas bellas qualidades, character conciliador e espirito finissimo, concluindo, com o governo russo, varias negociações pendentes.

As duas unicas missões diplomaticas que, sob o reinado de Leão XIII, teem tido um resultado satisfatorio, a do imperio ottomano e a da Russia, foram desempenhadas por elle.

O CAPITÃO MAYNE REID

Falleceu no dia 28 de outubro ultimo, em Londres, este popular romancista inglez, cujos romances andam na mão de toda a gente e são conhecidos em Portugal, pelas traducções que d'elle publicou em elegantes edições illustradas a Empreza David Corazzi.

Mayne Reid nasceu em Irlanda em 1816: tinha portanto 67 annos de idade quando falleceu.

Seu pae, ministro Presbyteriano destinava-o á carreira religiosa, mas o espirito aventureiro de Meyne Reid afastou-o d'essa vida pacifica e tranquilla e levou-o aos Estados Unidos, onde andou cinco annos correndo fortuna, passando a maior parte d'esse tempo entre as tribus dos indios da America, cuja physionomia e costumes elle descreveu tão bem mais tarde, nos livros das suas aventuras de viagem.

Quando rebentou a guerra entre os Estados Unidos e o Mexico, Meyne Reid, obteve patente no exercito norte-americano, assistiu á tomada de Vera Cruz, e foi gravemente ferido no assalto de Chapultepeu, chegando a passar algum tempo por morto.

De volta á Inglaterra, Meyne Reid dedicou-se exclusivamente á litteratura, encetando a publicação dos seus popularissimos romances geographicos, dos quaes os mais notaveis são: *O lar abandonado*, *O chefe branco*, *Os noveis caçadores*, *Os caçadores de Scalps*, *A Quartã*, *O casamento montanhez*, *Perdidos no matto*, *A caçadora selvagem*, etc., etc., etc.

INAUGURAÇÃO DA ESTATUA «GERMANIA»

A 28 de outubro ultimo celebrou-se a cerimonia da inauguração d'este colossal monumento,

commemorativo da nova constituição do imperio germanico.

Fundado por Carlos Magno, que se declarou protector da Igreja Catholica, foi exercido durante seculos pelos imperadores da casa de Austria, até que o conde, hoje principe de Bismarck, aproveitando habilmente questões intestinas do imperio, e as aspirações da Italia, começadas a realizar com o auxilio de Napoleão III, lançou a Prussia em uma guerra contra a Austria, arredando do lado d'esta as pequenas potencias suas aliadas e confederadas, e apoderando-se de algumas d'ellas, como o Hanover, Franckfort, etc. O primeiro passo para esta grande obra foi pois um attentado contra a liberdade de algumas cidades livres, e de alguns estados, que, ainda hoje, não estão de todo conformados com a nova ordem de cousas.

A Austria succumbiu na lucta, mas o descendente dos antigos eleitores de Brandeburgo, não se atreveu ainda a cingir a coroa dos Cezares.

Alguns annos mais tarde, uma questão diplomatica entre a Prussia e a França, inconscientemente avultada por esta, fez rebentar a guerra entre as duas potencias, e todos sabem qual a exaltação dos francezes em tal conjunctura, que chegaram a insultar Thiers, o venerando homem de estado, unico que se oppunha a tal passo.

Como se sabe, os pequenos Estados allemães haviam sido pouco a pouco afastados da confederação austriaca, pela mão astuta de Bismarck, e haviam entrado por certos convenios em uma liga militar com a Prussia. Proclamada a guerra, de boa ou má vontade tiveram que acompanhar esta na lucta. O successo foi favoravel; a França succumbiu, e a ebriedade da victoria fez esquecer áquelles a sua independencia, e considerarem seus os interesses prussianos.

O rei Guilherme fez-se então imperador; e ou de bom grado, ou por excitações bem dirigidas, de toda a parte surgiu a idéa de um monumento commemorativo do alevantamento do novo imperio, e não, como alguns dizem, da restauração do imperio germanico, porque para isso falta a tradição, que não pôde residir na familia do successor dos pequenos principes de Brandeburgo.

A idéa foi convertida em projecto. Por proposta do professor Hydel, de Wiesbaden, foi escolhida a altura do Niederwald sobre o Rheno, para local do monumento. Approvado e premiado o projecto do professor Schilling, de Dresde, começaram as obras em abril de 1874, e proseguiram com actividade e constancia.

Consta o monumento de uma estatua colossal, representando uma matrona de formosura varonil, que está de pé, deante de um throno, com o seio cingido de louro; levanta na mão direita a coroa do imperio, e apoia a esquerda em uma espada, cuja ponta está firmada no chão, em signal de paz. A estatua só, tem 12^m,80 de altura, é de bronze e pesa 350 quintaes metricos. Para se fazer idea da sua grandeza, basta dizer que a unha do dedo polegar tem onze centimetros de comprimento por nove de largo; na cavidade central da estatua podem assentar-se em volta vinte pessoas!

O pedestal gigantesco, muito decorado, e que seria longo descrever, ergue-se sobre um embasamento de 25 metros de alto.

Imagine-se o effeito que fará este monumento, situado em uma escarpa que se eleva 351 metros acima do rio, visto de qualquer ponto da margem opposta.

No sócco do pedestal em letras de bronze lê-se: *Em memoria do levantamento unanime e victorioso do povo allemão e da restauração do imperio germanico, em 1870-1871.*

No dia citado o imperador, a familia imperial, os principes dos diversos estados allemães confederados vieram assistir á inauguração, assim como os homens da guerra de 1870-71, á excepção de Bismarck e Manteuffell, que se achavam doentes, bem como contingentes de todos os corpos que entraram na campanha, deputações de muitas corporações e populares.

Ao apparecer o imperador todos entoaram o famoso hymno lutherano, *Num danket alle Gott*, acompanhado pelas musicas militares.

O imperador descerrou a cortina que encobria o baixo relevo, o que foi saudado por salvas e aclamações da bateria de Bigen e dos botes que esmaltavam o Rheno.

O imperador respondeu commovido ás allocuções que lhe dirigiram, apertou a mão ao principe imperial que estreitou entre os braços, o que causou grande impressão na multidão.

Visitou em seguida o interior do monumento, sendo recebido pelo general Moltke e professor Schilling, e partiu depois em um trem rapido para Wiesbaden, onde foi recebido triumphalmente.

O MOSTEIRO DE AROUCA

I

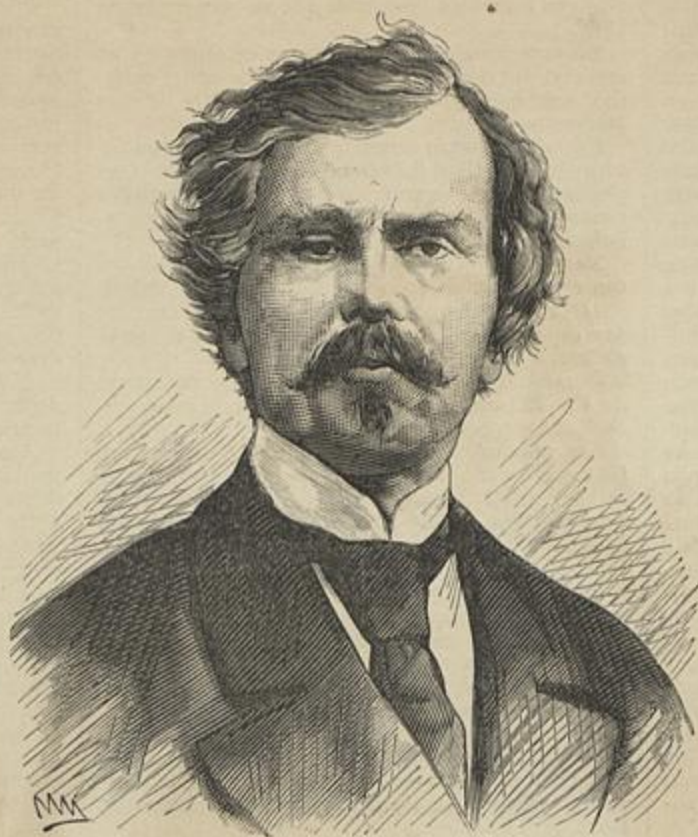
UM FRAGMENTO DE HISTORIA PATRIA

(Continuado de n.º 174)

Fr. Bernardo de Brito avança mais e põe a descoberto a verdadeira intenção da embaixada, mandada pelo manhoso fidalgo ao nosso reino; parece que se pretendia desposar o moço rei Henrique com uma princeza, ao mesmo tempo bella bastante para dominar o marido, e branda e docil a ponto que o de Lara a podesse a seu turno dominar. *Determinou de lhe grangear a vontade, casando-o com alguma Dama de tanta perfeição, que a fermosura della lhe embebesse o sentido para não entender em nada...* (1)

Mafalda convinha pelo seu ascetismo, belleza e comprovada docilidade. O proprio conde veio pessoalmente a Portugal negociar o enlace do pupillo e conduziu a infanta a Castella, onde em 1215 foi o casamento celebrado. O enlace teve lugar em Medina del Campo, onde *caçaram, e fizeram suas vodas, com festas pubriguas, e honradas* (2)

Todos os chronistas são accordes em descrever D. Mafalda como assaz formosa de corpo e bondosa e perfeita na alma. Duarte Nunes de Leão chama-lhe *fermosissima*. Ruy de Pina



O CAPITÃO MAYNE REID — FALLECIDO EM 22 DE OUTUBRO DE 1883

diz: *em perfeições, e bondades do corpo, e d'alma, foy Princeza muy acabada* (1). E Brito: *Foy esta senhora tão bella nas proporçoens do corpo, e na Filiosomia do rosto, que se nao era sua irmã D Tereza, ninguem a igualou em Hespanha, e fóra della, a nenhua conheceo ventagem em seus tempos...* como era tão estremada de sua graça, foy a mais m.mosa da Rainha D. Dulce sua mãy... D Affonso, cruel perseguidor, e inimigo de seus irmãos, só a esta Princeza quíz bem, e a teve nos olhos, e para com ella foy tão liberal, como tinha sido misseravel e avarento para com todos os mais (2).

A parte os exaggeros do encomio, engana-se redondamente no ultimo ponto o unctuosos chronista de Cister; pois Affonso II só deixou de perseguir sua irmã Mafalda e de continuar a expoliar-a de seus dominios, quando a viu casada em Castella. Só então principiou a tel-a nos olhos; não por effeito de suas graças, mas em attenção ao poderio de que destructava.

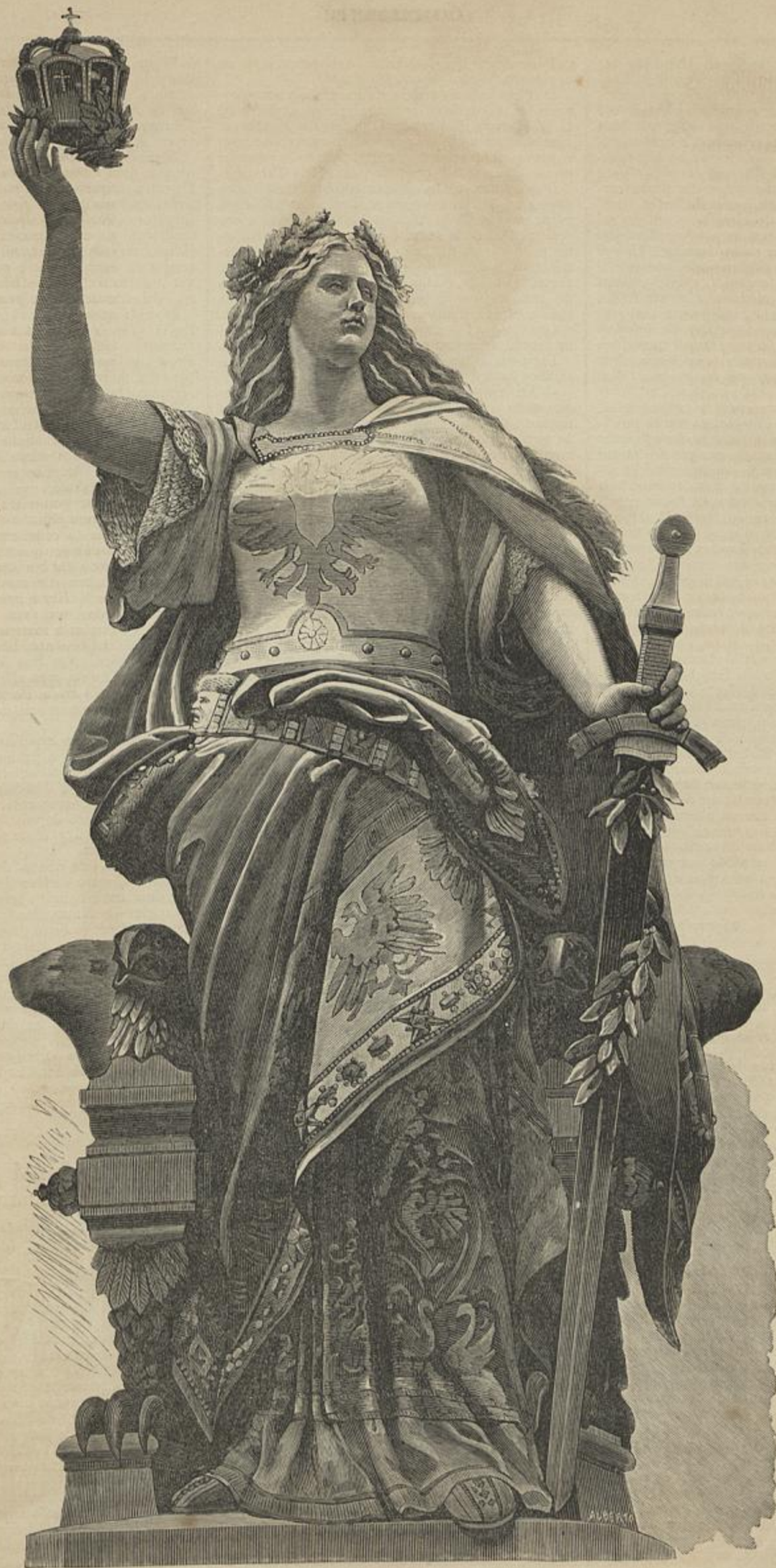
De pouca dura foi elle, porque a intriga palaciana, porfiando, cada vez mais accesa, em destruir a artificiosa urdidura de Lara, lembrou-se de levar a cabo a annullação do casamento, com o pretexto de parentesco proximo. *Eram parentes dentro do quarto grau*, escreveu Ruy de Pina. O caso é que, a instancias repetidas da irmã do nubente, Berengaria, foi o casa-

(1) *Chronica de Cister*. — Liv. vii, cap. xxxvi.
(2) Ruy de Pina. — *Chronica de D. Sancho I*.

(1) Ruy de Pina. — *Chronica de D. Sancho I*.
(1) *Chronica de Cister*. — Liv. vi, cap. xxxvi.



ALLEMANHA — INAUGURAÇÃO DA ESTATUA DA GERMANIA, EM RUESDESHEIM, A 28 DE SETEMBRO DE 1883



ALLEMANHA — ESTATUA DA GERMANIA, COMMEMORATIVA DA UNIFICAÇÃO DO IMPERIO GERMANICO
(Escultura do professor Schilling)

mento invalidado antes do joven Henrique ter chegado á idade de se unir com sua mulher. Apesar d'esta annullação, porém, parece que a mallograda rainha continuou a residir em Castella até 1217, porque em novembro d'esse anno mandava Affonso II ás auctoridades esculares e ecclesiasticas que, se acontecesse elle morrer, se entregassem a D. Mafalda, ou a quem ella mandasse para as receber, quaesquer rendas que lhe pertencessem e estivessem ainda em poder d'elle (1).

Em 1217 occorreu a desastrada morte do rei Henrique, de Castella. *Estas traças se ordenaram para aquelle divorcio por meios humanos. Outras mais breves tinha Deus determinado, que era a morte del Rey D. Henrique casual, e pouco esperada* (2). E bem casual, na verdade! *Estando El Rei em Palença julgando, e avendo prazer com seus Fidalguos, hum d'elles que se diz ser da linhagem de Mendoça, lançando alto um mançal toquou em hum telhado, onde por desastre cayou huma telha, que deu na cabeça del Rey, que ha poucos dias loguo faleceo...* (3)

Não chegou pois o consorcio a consumir-se. *Parece que a guardava o Senhor, aventura poeticamente Antonio Brandão, para se lhe offerecer depois pura na vida Religiosa, em que deu tantas mostras de santidade* (4). E a virtuosa e infeliz senhora, depois talvez de ter assistido chorosa aos obsequios funebres do marido, e de haver repellido enojada as pretensões do conde D. Alvaro, que demandava esposal-a, voltou á patria e tomou o véu no seu mosteiro de Arouca, dedicando o resto dos dias ao exercicio das virtudes monasticas. *Tornou-se para Portugal a Rainha Dona Mafalda, e recolhendo-se em o mosteyro de Arouca, o qual era de seu Padroado, por testamento del Rey D. Sancho, viveo nelle santissimamente o restante de sua vida* (5).

Formam um grupo adoravel de bemaventuradas as quatro primeiras filhas de Sancho I. D. Thereza, a desditosa rainha de Leão, viveu recolhida no mosteiro de Lorvão com muita santidade e foi canonizada em 1705 pelo papa Clemente XI; D. Sancha, tendo renunciado de muito moça ao mundo e ao matrimonio, foi habitar em 1214 tambem para Lorvão, e mais tarde fundou o mosteiro de Cellas, onde professou, sendo ao depois canonizada juntamente com a precedente; de D. Mafalda iremos dizendo pelo transcurso d'esta narrativa; e D. Branca, a mais nova e a menos honrada pela igreja, viveu reclusa sob a direcção severa de D. Thereza, foi tambem religiosa por vocação, e não poucos titulos tinha a ser igualmente canonizada, se bem que o não foi.

(Continúa)

Accacio Antunes.

O Theatro da Rua dos Condes

(Continuado do n.º 175)

Os tres annos da empresa de Emilio Doux, decorridos desde abril de 1837 a 1840, foram mais prosperos para a Rua dos Condes do que os tres immediatos da empresa do conde de Farrobo, apesar da liberalidade com que este opulento fidalgo e distincto amator das artes occorria, como veremos, a todas as despesas do theatro.

Pouco antes de principiar a empresa de Emilio Doux tinha Manuel da Silva Passos decretado, de accordo com um parecer de Garrett, a creação da Inspecção geral dos theatros e do Conservatorio de Arte Dramatica e a organização de uma sociedade para edificação do theatro a que podesse applicar-se a denominação de normal, e que fosse escola pratica da arte de representar.

Garrett empenhado n'esta grande empresa, de que nunca se esqueceu, ainda quando guindado ás eminencias do poder, exercia, como é natural, influencia consideravel sobre os nossos actores, fazendo com que estes se dedicassem com afincio ao estudo da sua arte, embora alguns houvesse ainda que seguissem as pisadas dos seus predecessores, para quem o desempenho de um papel, longe de ser o resultado de um trabalho de intelligencia, constituia apenas um acto material, que desempenhavam machinalmente, depois de terem repetido durante algumas dezenas de ensaios as palavras que o ponto lia com voz de Stentor.

Quando chegava o dia da representação, o actor emittia a voz com mais força, dava mais largas passadas, bracejava com impeto superior, e o

publico fazia quasi desabar o theatro com os applausos.

O Theodorico (velho), e este era um actor comico de verdadeiro talento, apenas acabava de fazer a prova de um papel, chegava-o á vella accesa sobre a mesa do ponto, e comprazia-se com o ver as folhas irem-se carbonisando a pouco e pouco. Foi-me isto contado pela actriz Talassi.

Outros actores havia que entregavam os seus papeis ao porteiro do palco, sem se atreverem a praticar o auto de fé, que tanto deliciava o seu collega. Por onde se vê que os antigos comediantes portuguezes nem se davam ao trabalho de decorar as palavras do papel, quanto mais ao de crearem uma individualidade, pelo estudo artistico do personagem. Florinda de Toledo e poucos mais artistas faziam excepção áquella generalidade.

Ora Emilio Doux quiz pôr termo a este lastimoso estado de coisas e conseguiu-o até certo ponto. Dizia-me a actriz Talassi fallando-me do ensaiador francez:

— Eu via perfeitamente que se fizesse na recita tudo o que elle me indicava nos ensaios, me tornaria ridicula. Não era, porém, difficil reduzir ás verdadeiras proporções, o que o Emilio ensinava com exaggeração.

O palco da Rua dos Condes foi durante a empresa Doux frequentado por muitos litteratos, entre os quaes notaremos Rodrigo Felner, paciente recopilador de antiguidades theatraes.

A Bibliotheca Nacional de Lisboa, é possuidora de uma collecção de peças manuscriptas, representadas na Rua dos Condes e reunidas por Felner á custa de muitas pesquisas.

Este homem de letras traduziu alguns dos dramas francezes que Doux poz em scena. Muitos mais verteu n'um portuguez mascavado e horripilante, o tabellião João Baptista Ferreira.

As excellencias ou erros da traducção não os podia Emilio Doux apreciar, em rasão do quasi nenhum conhecimento que tinha da lingua portugueza.

Felner contava muitas aneddotas do tempo d'aquella empresa. Relataremos a seguinte:

Ensaia-se uma peça em que tinha de apparecer um homem tocando gaita de folles

Doux tratou de saber onde poderia encontrar um tocador do que elle no seu portuguez afrancezado chamava *cornamusa*. Disseram-lhe que os havia á farta em qualquer chafariz.

Emilio Doux foi ao largo do Carmo, e tendo encontrado um gallego alto, largo de hombros, e louro, ficou extactico deante d'elle, e ajustou-o por fim, para ir tocar *cornamusa* á Rua dos Condes.

O gallego foi pontual n'esse dia ao ensaio, e desempenhou conscienciosamente as suas obrigações, tão conscienciosamente, que desde que entrou em scena com os mais de comparsas, começou a tocar cheio de entusiasmo, como se estivesse em dia de Reis.

Doux mandou-o calar, mas o gallego não o entendeu. Furioso o francez arrancou da boca do cidadão de Tuy a embocadura da gaita de folles, que estando cheia de ar continuou a soltar um guincho demorado e provocador. Doux exasperou-se, julgando que o gallego estava caçoando, e deu-lhe um empurrão com força.

O pobre diabo e a gaita de folles foram ao meio do chão, e por entre as gargalhadas de todos os assistentes ouviu se ainda o «iim» da suspirada *cornamusa*.

Por fim Emilio Doux teve que prescindir da gaita de folles.

Fallando ácerca da Rua dos Condes escreveu o jornal o *Prisma* em 1 de setembro de 1842:

«A empresa nacional, que ficou depois da companhia franceza, empregou todas as diligencias para fazer um theatro d'aquella immundissima sala; só poudo todavia conseguir que, diminuindo seu desmedido comprimento, se podesse escutar bem o que se dizia no tablado. A sala ficou uma taberna pintada. E o governo sancionando por um decreto a epigrammatica alcunha de *Theatro nacional normal* tornou ainda mais ridicula e desprezível aquella pocilga.»

Apezar d'isto, o conde de Farrobo tomou em 1840 o theatro, que estivera em moda nos tres annos anteriores, e arbitrou á sua companhia ordenados taes, que poucas vezes terão actores portuguezes sido mais bem pagos, se attendermos ao preço diminuto porque tudo se comprava n'aquelle tempo. Carlota Talassi — disse-m'o esta antiga actriz — tinha de ordenado 26 moedas mensaes e beneficio seguro na quantia que rendia o theatro em noites de enchente; Emilia das Neves ganhava em cada mez 12 moedas; Epiphania e Dias 20, etc.

Os theatros estavam abertos, como anteriormente, tanto de verão como de inverno, de sorte que ainda mais vantajosa se tornava a situação do artista dramatico.

N'este tempo foram alguns dramas representados pela companhia portugueza em S. Carlos, taes como a *Maria de Rohan* (*Un duel sous le cardinal de Richelieu*), *Noite de Veneza* e *D. Jodo de Marana*. Esta obra de Alexandre Dumas foi posta em scena com grande luxo.

Segundo vemos pelos jornaes da epoca não obteve muito bom exito a empresa do conde de Farrobo, o que uns attribuiam a não ser exercida conscienciosamente a censura pelo jury do conservatorio, que deixava passar muitas peças inconvenientes; e outros á incuria de Emilio Doux, que já não trabalhava diligentemente, como no seu tempo de empresario, e pouco se affligia com o ver deserto o theatro, sabendo que no fim do mez não deixaria de lhe ser pago o ordenado.

Durante este periodo continuaram a representar-se dramas traduzidos do francez, como por exemplo a *Maria Tudor* de Victor Hugo, que excitou a indignação de alguns criticos pela supposta pecha de immoralidade, e a *Paula ou a esposa virtuosa*, traducção da actriz Talassi.

Appareceram tambem peças originaes, algumas das quaes já mencionámos.

A *Auzenda* do sr. Mendes Leal representou-se nos fins de 1840. *O castello de Faria*, drama em cinco actos do sr. Cascaes, subiu á scena a 4 de fevereiro de 1843 e foi muito applaudido. O sr. Cascaes já tinha escripto antes outra peça, o *Valido*, que tambem agradára.

Varias obras do velho repertorio portuguez appareciam de vez em quando no cartaz. Assim foi que Theodorico fez beneficio com a *Sensibilidade no crime*, obra «tão conhecida como o seu actor» Antonio Xavier Ferreira d'Azevedo, a quem devemos a admiravel farça *Manoel Mendes*.

Emilio Doux quiz reimplantar um genero que o publico de Lisboa apreciára tempos antes, o da opera comica. Nos fins da empresa do conde de Farrobo foram com effeito á scena na Rua dos Condes *Fra D'Avolo*, *Barbeiro de Sevilha* (a comedia de Beau-marchais com trechos da musica de Rossini), etc.

Os jornaes, para expulsarem o genero que prejudicava de certo a producção de dramas originaes portuguezes, cairam em carga cerrada sobre o empresario e o director de scena do theatro, censurando-os acremente. Distinguiu-se n'esta campanha, o que depois foi celebre escriptor L. A. Rebello da Silva, n'um artigo publicado no periodico a *Fama*.

Findos os tres annos da empresa do conde, passou o theatro da Rua dos Condes a ser gerido por uma sociedade de actores, cuja direcção era composta de Matta, fiscal, Sargedas, secretario e Caetano José da Silva (marido da actriz Talassi), caixa. Emilio Doux deixou de ser ensaiador, porque exigia um ordenado excessivo; substituiu-o o actor Epiphania, que se desempenhou d'este encargo com muita distincção, não só n'aquella theatro, mas no de D. Maria, cuja construcção era, havia largo tempo, exigida por todos, e que foi inaugurado em 1846 por esta pleiada de distinctos actores, os quaes deixaram de todo o immundo paradeiro da Rua dos Condes.

(Continúa)

Maximiliano d'Azevedo.

DEZ DIAS EM HESPAÑHA

NOTAS DE VIAGEM

(Continuado do n.º 176)

VIII

O Banquete offerido pelos jornalistas de Madrid, aos escriptores portuguezes foi não só um bello jantar, foi tambem um bello spectaculo.

E tanto foi spectaculo, que se deu n'um theatro, dos maiores de Madrid, e com uma enchente completa nos camarotes.

Foi a primeira vez na minha vida que comi diante de espectadores, mas devo confessar que isso não me diminuiu o appetite.

Foi uma estreia muito auspiciosa a que fiz no palco do theatro da Zarzuela, e francamente nunca me soube tão bem o theatro como n'essa noite.

O theatro da Zarzuela é um dos maiores de Madrid.

A platéa desaparecera sob um tablado enorme, que continuava o palco como se faz nos nossos theatros nas noites de bailes de mascarar.

A meza occupava a sala em quasi toda a sua extensão: era na fórma de ferradura, ficando a parte superior no palco, e servindo de logar de honra.

Presidia a meza o sr. Villalba, o illustre presidente da commissão da imprensa hespanhola, tendo

(1) Alexandre Herculano. — *Historia de Portugal*.(2) *Monarchia Lusitana*. — Liv. xiii, cap. vii.(3) Ruy de Pina. — *Chronica*. — Cap. xv.(4) *Monarchia Lusitana*. — Liv. xiii.(5) *Ibid.*

facio do sr. Camillo Castello Branco; *Musa Velha*, pelo sr. Francisco Palha e outros, ou de que já demos conta por nos terem sido offerecidos, ou que ainda não tivemos occasião de ver.

ANNAES DO CLUB-MILITAR NAVAL. N.º 8 e 9 de 1883, comprehendendo a *Theoria do navio* por Victor Lutochaunig, traduzida pelo sr. E. C. Rosa; continuação do questionario do manobrista; a *corveta Mindello nas aguas do Zanzibar*; algumas considerações tendentes a facilitar a leitura da «*Theoria do navio*», pelo traductor d'esta; *Viagem de Nordenskiöld*, *Fabricação do fio de vela*; *Batalha de Trafalgar*; *agulha Bisson*; *Pharos fluctuantes no Oceano*; *Os torpedos dinamiticos*.

CHRISTOFLE COLOMB ET LA CORSE, *observations sur un décret récent du gouvernement français*, par M. Henry Harrise — Paris, Ernest Leroux, éditeur, 28, rue Bonaparte, MDCCCLXXXIII. — Com 10 paginas, 1 de rosto e outra de ante-rosto. N'este opusculo, analysando o referido decreto, que, na sua forma simples, encerra como que uma capciosa confirmação da disparatada opinião, que faz nascer o grande navegador na Ilha de Corsega, refuta e pulverisa, o notavel advogado americano, uma obra do abbade Martin Casanova de Pioggiola, publicada em 1880, sob o titulo de *La verité sur l'origine et la patrie de Christophe Colomb*, que o abbade pretende seja Calvi na Corsega. O sr. Harrise apenas indica ligeira mas rijamente os argumentos e razões que invalidam tão louca opinião e na sua obra *Christophe Colomb, son origine, sa vie, ses voyages, sa famille et ses descendants*, que se acha já no prelo e constará de dois grossos volumes, estabelecerá o illustre escriptor estes diversos pontos, com o vigor da sua paciente investigação e clarissima critica. Repete-se este artigo por ter saído no n.º 174 com um notavel salto typographico.

OBRIGATORIEDADE DO ENSINO. *Discursos proferidos pelo dr. J. Eduardo Freire de Carvalho Filho, na Assembléa provincial da Bahia em 1883*. — 8.º de 41 paginas, sem logar de impressão. Discutia-se o assumpto n'aquella assembléa, e houve grande controversia sobre o ensino religioso na escola, o orador defendeu este principio e argumentando com o exemplo de muitas nações europeas, incluiu tambem Hespanha e Portugal; outro deputado sr. Caldas de Brito disse que estes dois eram pai-



MONUMENTO EM BURGO, COMMEMORATIVO DO ENTERRO DA RAINHA D. MAFALDA — Vid. art. Mosteiro de Arouca (Segundo um desenho do natural por Abel Accacio)

zes retrogradados, e o sr. Garcia Pires acrescentou: «elles não estão em nossas condições»; ao que o sr. Freire teve occasião de redarguir que tal asserção era inexacta e que em breve Portugal estaria a par das nações mais adiantadas; que visitára as suas escolas, que se acham optimamente montadas, de accordo com os progressos e regras da pedagogia moderna, e acrescentou ainda, que não conhecia regulamento de instrucção publica superior ao que actualmente possuímos, o que foi confirmado tambem pelo sr. barão de Villa Viçosa.

São interessantes estes debates, e folgamos sempre que se nos faz justiça.

DICIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ, ILLUSTRADO, etc., director, Fernandes Costa; Zeferino de Albuquerque, editor, Lisboa. Fasciculos 57 e 58 que publicam a letra B e a letra M ao mesmo tempo.

ALMANACH ILLUSTRADO DAS HORAS ROMANTICAS, para 1884. David Corazzi, editor, Lisboa. Este almanach conta já onze annos de publicação, e está n'isso o seu maior elogio, porque prova o quanto tem conseguido agradar, melhorando sempre de anno para anno.

ALMANACH BUROCRATICO E COMMERCIAL da *Empreza Litteraria de Lisboa* para 1884. É o setimo anno da sua publicação, e este almanach no seu genero é dos mais completos que se publicam, sendo muito preciso para o commercio, pelas muitas indicações uteis que insere.

LES MATINÉES ESPAGNOLES, *nouvelle revue interna-*

tionale européenne par M. le Baron Stock. . . saison d'été — deuxième édition française, n.º 12 e 13, Madrid, calle Montalban 2; Paris, 5 rue Logelbach. — Encerram estes fasciculos: *Revue de l'exterieur* por André Borrego; *Echos de Barcelone*; *La statue de Ratazzi*; *Le huitième péché capital*, romance pela sr.ª de Rute; *Camacho*; *Camille Flammarion*, biographia; *Chronique de l'Élégance* pela viscondessa de Renneville; *Tablettes de la finance* por Colbert; *Courrier de Bruxelles*, de Paris, des tribunaux; e traducções pela sr.ª de Rute do *Primo Basilio*, d'Eça de Queiroz, e da *Valsa* de Guiomar Torreão.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS, terceiro anno, nona serie... 1883, David Corazzi, editor. *Empreza Horas Romanticas*... administração: 40,

Rua da Atalaya, 52 Lisboa; Filial no Brazil, 40 Rua da Quitanda, Rio de Janeiro. — Numero 65 — *Historia da Botannica em Portugal*. Esta primeira tentativa de colleccionamento de noticias sobre os principaes homens que entre nós cultivaram tão interessante e importante ramo dos conhecimentos humanos, merece o nosso applauso, principalmente pela intenção, que é derramar entre o povo, o conhecimento do que fizeram nossos maiores.

AS GRANDES ÉPOCAS DA HISTORIA UNIVERSAL, por Z. Consiglieri Pedroso... fasciculo n.º 6 — Porto, *Livraria Civilisacão de Eduardo da Costa Santos* — editor, *Rua de Santo Ildefonso, 8 10*. Conclue-se n'este fasciculo a setima conferencia, e começa-se a oitava, que fica já muito adeantada. Esta importante publicação de que já temos fallado, segue com regularidade e mantem os creditos do seu auctor.

UM INIMIGO DA HYPOCRISIA, por Francisque Sarccey, traducção por Eduardo Dias — Lisboa, typ. da viuva Neves, 65, *Rua da Atalaya, 67* — 8.º de 122 pag., uma de indice, e outra de declaração. Este romance, que se recommenda pela simplicidade e naturalidade da sua marcha, parecendo um successo traduzido de um facto verdadeiro, está bem interpretado pelo traductor.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

TYPOGRAPHIA ELZEVIRIANA — LISBOA

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1884

(3.º anno de publicação)

Este almanach é o unico, no seu genero, que se publica em Portugal.

Illustrado com magnificas gravuras de monumentos e paisagens de Portugal, copias de quadros de artistas portuguezes, e retratos de notabilidades, com uma secção de necrologio do anno, illustrado com retratos.

A parte do kalendario, tabellas e todas as indicações uteis para o publico, é das mais completas.

Uma linda capa a aguarella a côres, pintada pelo distincto scenographo MANINI, e executada na Lithographia GUEDES

UM ENYGMMA A PREMIO

Preço em Lisboa, 200 réis. Pelo correio, 220 réis.

Á venda na EMPREZA DO OCCIDENTE, *Rua do Loreto, entrada pela Rua das Chagas, 42*, em todas as livrarias e em casa dos senhores correspondentes d'esta empreza.

ALLEGROS E ADAGIOS

POR JAYME DE SEGUIER

Um elegante volume primorosamente impresso em papel superior

500 RÉIS

Acaba de sahir a publico e está á venda em casa dos editores

CAETANO ALBERTO & FARO

8 a 20, Rua Oriental do Passeio, 8 a 20

LISBOA

Nas principaes livrarias e na

EMPREZA DO OCCIDENTE

Envia-se franco de porte.